

# JORNAL DO RECIFE

REVISTA SEMANAL.

SCIENCIAS — LETTRAS — ARTES.

Assigna-se na Livraria Academica, rua do Imperador n.º 79, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.  
A redacção aceita com reconhecimento qualquer trabalho que lhe ofereçam.  
Os manuscritos não publicados serão restituídos.

PUBLICADO SOB A DIRECÇÃO  
DE  
José de Vasconcellos  
SEU PROPRIETÁRIO E PRINCIPAL REDATOR

Tanto para esta cidade como para qualquer ponto da província ou do império, o JORNAL DO RECIFE custa 50000 por semestre em pagamento adiantado. As pessoas de fora que desejarem assignar-lo, remetem pelo correio em carta segura a importância acima, com inscrição redacção, que regular e postualmente receberão os numeros da revista que se fôrão publicando.

## Summario.

ROMANCES, Esther, Historia de dous meninos e um cão — VIAGEM, Estado presente de Jerusalém — VARIEDADE, Apontamentos de um bebedor — ECONOMIA RURAL, Meio facil de converter em estrume todas as herbas nocivas — MOSAICO — POESIA, Moreninha — O QUE VAI PELO MUNDO — O QUE SE FAZIA EM CASA — CHARADAS.

## Esther.

(Por L. N. F. Varella.)

## I

Não é um mero producto da imaginação o que eu vou contar, não é um desses episódios creados para enganar as horas de tédio e de enfado e que a literatura denomina — romances ou novellas, — não; é um facto verdadeiro, um drama de sangue e de loucura, que passou de geração em geração e gravou-se para sempre na mente das turbas, — o grande livro das epopeias populares.

Em uma das províncias centraes desta bela terra do Brasil, houve outr'ora um homem nobre e opulento, que, longe do bulício das povoações habitava uma de suas vastas propriedades, na encosta de uma serrania escabrosa: era esse homem o Barão do Rio Negro.

Tinha elle em sua companhia dous filhos: o primeiro chama-se Maximo, o segundo Antonio. Maximo, forte e robusto, era o predilecto de seu pai; Antonio, frágil e doentio, era olhado com desgosto pelo Barão, que não prodigalizava siqueira uma caricia a essa pobre criança doente, cujo nascimento tinha occasionado a morte de sua mãe. Maximo vivia sempre aos joelhos paternos; era aplaudido em todos os seus actos, mesmo naquelles em que merecia severa reprehensão; Antonio porém era desterrado para o interior da habitação e só tinha por quinhão neste mundo a molestia que minava-lhe a existencia e os duros tratamentos de seu pai. Assim cresciam estes dous meninos.

Uma vez um irmão do Barão, vendo-se completamente arruinado, resolveu ir a África tentar fortuna; deixou pois nos cuidados deste, uma filhinha de oito annos chamada Esther, bella como os anjos. A criança ligou-se logo de uma profunda amizade a Antonio e mais tarde, quando fogem os loiros sonhos da meninice para dar lugar aos castellos brilhantes da adolescência, esta amizade transformou-se em uma paixão ardente e sem termos.

Comtudo não fallaram elles de seu alnor: não o fazem os passarinhos, — as flores e as borboletas, nem as estrelas que scintillam no firmamento, nem os vagalumes que lam-

pejam na floresta; mas elles sabiam que se amavam.

Havia uma voz intima, que vinha murmurar poemas de felicidade ao ouvido de Esther, quando ella acariciava esse moço pallido e formoso que, engolfado em scismas de ventura repousava a cabeça em seu regaço como o Romeo de Shakespeare.

Os prados, as brenhas, as savanas eram de contínuo o theatro dessas scenas sublimes de amores primeiros, que banhadas de tão santa poesia as descrevera outr'ora, à sombra das bananeiras, — o singelo author de Virginia. Maximo era indiferente a tudo isso, seus dias elle os esperdiçava embrenhado no mais denso das mattas virgens, entregue aos ardentes prazeres da caça.

Quando a idade perigosa dos vinte annos chegou, Antonio principiou a adoecer gravemente; seu rosto tornou-se mais descorado, seus olhos orlaram-se de um roxo sombrio e no esforço de uma tosse secca e ligeira ás vezes um escarro de sangue vivo pulava-lhe dos labios. Os medicos que consultou aconselharam-no que partisse quanto antes para a Europa, onde o clima e os habeis professores, talvez pudessem sanar a molestia triste que tinha-se apoderado dele.

O moço ajuntou a herança que lhe deixara sua mãe, abraçou Esther, fê-la jurar um amor eterno, uma fidelidade sem limites; despedio-se de seu pai e seu irmão, que o viram ir sem pezar, — e ungido das lagrimas virginaes de sua noiva partio.

## II

A felicidade na vida é uma dolorosa quimera. O destino do homem é tender sempre para um ideal que lhe escapa dos braços e como esses espíritos de que falla Ossian o montanhez, desfazem-se em vapores e perdem-se na amplidão. Nossos desejos são insaciáveis, nossas esperanças sem termos; estas esfumam-se ao desengano, aquelles descoram-se no enojo. Já alguém disse que a posse era o tumulo do desejo. A esperança é uma livida ironia, disse o maior poeta do seculo passado.

Chegando ao Rio de Janeiro, Antonio embarcou-se em um navio que partia para Itália. Era a patria de Bocacce e Dante, debaixo desse bello céo que fizera suspirar Byron e Musset, que elle ia mendigar o ambiente embalsamado um atomo de vida que resfrescasse seus corrompidos pulmões.

Na casa do Barão entretanto a vida continuava na mesma, como se nada acontecesse, excepto para Esther, cuja existencia parecia, com a partida de Antonio, ter-se transformado em um medonho deserto. Com efeito a moça estava excessivamente triste e pensativa, longas horas inclinada á janella, como a pallida amante de Raul, ella passava com os

olhos fixos na extrema nébulosa do horizonte onde desaparecera Antonio quando partira. Era triste, triste aquele olhar, que parecia sahir do seio, transpor o espaço e banhado de amor e de saudades ir descansar nas plagas estranhas onde estava o noivo de seu coração.

Ha em nossa terra umas florinhas — melancolicamente azuladas — que crescem á margem dos rios e são cultivadas nos jardins; na Alemanha chamam-nas — Wergiss mein nicht não te esqueças de mim. Conta-se que um cavaleiro passeando á tarde pelas margens do Rheno ao lado de seu amante, víra uma multidão dessas flores que se embalavam docemente ao sopro das brisas. Sendo rogado por sua dama elle desceu á colhe-las, entao o pé lhe faltou e elle cahio na profunda corrente; nas agonias da morte, entretanto, surgindo á tona d'agoa, lançou á sua bella o ramalhete que tinha colhido murmurando — Wergiss mein nicht, não te esqueças de mim! — e afundou para não mais se erguer. Desde entao aquellas bellas filhas da tristeza que se balançam á beira d'agoa tomaram o nome saudoso que tem.

Por uma dessas coincidencias que se dão todos os dias, sem conhecer a legenda poetica que acabei de narrar, Antonio tinha deixado a Esther como lembrança um ramalhete destas lindas florinhas. A donzella guardou-o no seio e quando apertavam as saudades de seu noivo ella banhava de lagrimas aquellas peitais em murcharcidas pelo tempo e pelo calor de seu peito.

Um anno tinha decorrido depois da partida de Antonio, quando o Barão recebeu uma carta da África em que lhe participavam que seu irmão tinha morrido, deixando a Esther uma fortuna immensa. Notando entao que Maximo principiava a enamorar-se da donzella, resolveu casal-os, augmentando assim o patrimonio de seu filho.

Foi ter por isso com Esther e comunicou-lhe seu desejo.

A moça recusou apenas lhe tinha fallado seu tio. O Barão zangou-se e dobrou de instancias, porém como ella prosseguisse firme no seu intento enfureceu-se aquello e exclamou:

— Deve existir um motivo para não aceitar a mão de meu primo, exijo que m'o digas. Esther abaixou os olhos e não respondeu.

— Então callas-te? bradou de novo o Barão.

— Amo Antonio, meu tio, disse ella corando, jurei não casar-me senão com elle, não devo trahir meu juramento.

— Porém pensa, proseguiu o tio amegando a voz, Antonio está longe, muito longe, e tão cedo não voltará, no entanto estás já moça e precisas escolher um marido que te proteja, pensa bem e....

— Tenho pensado, interrompeu Esther, não aceito senão Antonio.

— E se elle não voltar ?

— Oh ! hâde voltar ! exclamou a virgem com voz repassada de intima confiança.

O Barão carregou o sobr'olho e continuou :

— E se te houvesse elle esquecido, se te não amasse mais, se estivesse casado emfim nesses paizes onde ha tão bellas mulheres ?

A moça empallideceu um momento, depois abanando tristemente a cabeca respondeu :

— E' impossivel, meu tio. Antonio não podia fazer isto, porque ama-me... Oh ! amo-me muito.

— E se o houvesse feito ? proseguiu o Barão.

— Se o houvesse feito, repetio Esther, olhando fixamente para seu tio, se houvesse feito, eu morreria.

Uma gargalhada sarcastica e motejadora escapou dos labios do Barão.

— Morrer... morrer.... exclamou elle depois ; pois olha, Antonio não voltará porque está thisico declarado, porque não tem um anno de vida; tu te casarás com Maximo porque eu o quero, agora morre, vamos vê...

Assim fallando sahio arrebatadamente deixando a moça inundada de prantos.

No outro dia o casamento de Esther e Maximo estava convencionado para d'ahi a um anno, em quanto se lia tratar dos negocios da herança d'aquella, e o Barão escrevia uma longa carta á Antonio, dizendo que a moça tinha mudado de resolução, a pedido seu, e que de hora em diante não a considerasse senão como mulher de Maximo seu irmão.

### III

Um anno tinha desapparecido no sombrio abysmo do tempo para nunca mais volver.

A casa do Barão do Rio Negro estava explendidamente illuminada, os convivas passavam conversando pela grande sala, a orchestra preludjava uma contradansa. No outro dia as dez horas da manhã devia ter lugar o casamento de Maximo e Esther.

A donzella tinha estado o dia inteiro febril e agitada, seus labios descorados e secos pareciam queimar, seus olhos ardiam em labaredas delirosas, seu peito precisava de ar. Como a pedido do Barão os convivas tinham-se reunido depois da ceia na grande sala para dansarem e divertirem-se, Esther protestou uma grande dor de cabeça e pedio a seu tio que a dispensasse aquella noite, porque desejava descansar. Concedida a licença a moça entrou para seu quarto e deitou-se.

Maximo tinha proposto que dansassem até ao amanhecer e os convivas tinham aceitado. O divertimento continuava por isso com mais fervor.

Era já bem tarde quando uma rapariga que estava á janella respirando o ar da noite deu um grito e recuou horrorizada. Correram todos para ella e perguntaram a causa de seu espanto.

A moça tremula e pallida respondeu :

— Ali em baixo, ali junto ao portão vi a luz das luminarias passar vagarosamente a figura de um frade.

— Um frade ! exclamaram todos.

— Sim um frade, contintou a moça, tinha o capuz cahido sobre o rosto e em vez de andar parecia arrastar-se a um bastão que segurava com as duas mãos.

— E para onde foi ? perguntaram alguns.

— Entrou para o portão, respondeu a rapariga.

— Nossa Senhora ! gritou uma dama que ali estava, é preciso vêr, Sr. Barão, é preciso vêr....

O Barão rio-se sarcasticamente.

— Mas, Sr. Barão, disseram alguns convidados, é prudente, é...

— Ora é prudente, que as senhoras tem medo vá, mas homens é intoleravel !

Os convivas morderam os beiços e retiraram-se para um canto.

No entanto junto da moça tinha-se feito uma roda e fallavam impressionados.

Entao o Barão adiantou-se e disse :

— Não foi nada, meus senhores, algum criado passava por ali embrulhado em seu capote e a senhora tomou por um frade.

— Asseguro-vos, disse a moça ; vi attentamente, porque não estava ainda assustada, e assegurou-vos que vi um frade.

— Na vossa imaginação, atalhou o Barão com voz sarcastica.

— E ainda mesmo que fosse um frade que mal vos faria, disse Maximo aproximando-se da janella.

— Foi illusão, foi illusão, disseram todos, vamos dansar.

E o baile continuou.

Nublada e triste apontou a aurora no horizonte, uma brisa humida e fria sacudia as folhagens la fóra e vinha bater nos rostos dos convivas empallidecidos pela insomnia.

— E' já dia, gritaram todos, acorde-se a noiva, acorde-se a noiva.

— E' verdade, disse o Barão, vamos acordal-a ; e como ainda os corredores da habitação estavam na obscuridade, tirou uma vella da serpentina e seguido pelos convivas encaminhou-se para o lado do quarto de Esther.

Chegando a porta pararam ; o Barão bateu.

A moça não respondeu.

Segunda vez bateu o Barão com mais força ; houve o mesmo silencio.

Terceira, quarta, quinta vez bateu elle violentamente, porém nada : era um silencio de morte.

— Arrombe-se a porta ! gritaram os convivas assustados.

A porta foi arrombada.

Um vulto estava de joelhos junto ao leito da virgem : era um frade.

Todos recuaram horrorizados.

Maximo porém como o mais valente tomou a vella da mão de seu pai e encaminhou-se até ao meio do quarto.

Então o frade fez um movimento, o capuz cahio e um rosto magro, esverdeado, um rosto onde se lia a maceração e os desgostos apareceu aos olhos de todos.

O Barão deu um grito e Maximo afastou-se até a parede exclamando :

— Antonio !.... Antonio....

— Sim, é Antonio, murmurou o frade com voz surda e rouquenha, é Antonio que ha seis mezes se torce em fundas agonias entre as quatro paredes de um convento ; é Antonio que sentindo a morte chegar a sua fronte abandonou a cella de abstinencias para vir morrer aqui !

Depois voltando-se para o Barão que chamava repetidamente Esther por seu nome, proseguiu :

— Não a desperteis, ella dorme, delirou de febre a noite inteira, debateu-se em angustias malditas em quanto vós dansaveis !...

Entretanto Maximo aproximou-se do leito da moça, depois recuou espavorido e com a mão tremula e convulsa apontou para ahi.

Todos correram, chamaram-na repetidas vezes, agitaram-na de um lado para outro, porém ella não respondia ; estava morta.

Louco, desesperado como uma hyena, Maximo lançou-se sobre Antonio bradando :

— Miseravel ! fostes tu que a mataste !

O monge recuou vacilando até a muralha, e com essa voz rouca do moribundo que sae

das entradas e parece vir dos pés, como o disse Vigny, fallou :

— Não me toques porque em breve estarei com ella, porque tambem vou morrer ! e cahio torcendo-se sobre os joelhos.

No outro dia dous caixões mortuários sahiam da casa do Barão do Rio Negro. Era Esther e Antonio que se iam a enterar.

O Barão contemplava da janella o funebre prestito dando gargalhadas freneticas. Maximo tinha-se afundado pelas mattas virgens com os cabellos hirtos, o olhar inflamado e os beiços espumantes. Tudo estava acabado.

### LEGENDA.

Quando a noite é sombria e carregada e o vento ruge nas folhagens da selva e os mortos cantam suas lamentações à sombra dos ciprestes do cemiterio, entao à luz amarelenta das phosphorecencias, o frade se levanta de sua cova para chorar amargamente as desdidas que sofreu.

Viajante que passaes pela estrada, tomou sentido ao aproximar-vos do cemiterio.

Elle chora o sombrio frade, mas, de outra cova mais longe, sua amante levanta-se para vir chorar com elle.

Ella está vestida de noiva, tem um véu sobre o rosto e na cabeça uma grinalda de flores de laranja. O vento ruge, as phosphorecencias valsam sobre as sepulturas e a coruja lança o seu canto desolado.

Mas os gemidos de seu peito e os soluços de seu coração continuam cada vez mais dolorosos.

Quando a aurora apparece no horizonte e o gallo canta pela terceira vez, elles se abracam e cada um entra para seu leito de morte.

Viajante, que passaes pela estrada, tomou sentido ao aproximar-vos do cemiterio !

(CORREIO PAULISTANO.)

### História de dous meninos e um cão.

#### VI

Esse singular horoscopo em nada entristeceu os dous pobrezinhos, porém os embareçou muito.

Quem seria pois esse novo camarada, esse terceiro amigo que parecia dever associar-se á seu futuro.

Como se viesse expressamente para responder-lhes, a primeira parte de sua predição não tardou em realizar-se.

O amigo em questão foi um cão.

Um pobre cãozinho abandonado, como elles, sem ração e sem asylo.

Era mesmo mais infeliz do que elles ; faltava-lhe uma pata.

Acolhê-lo com muitas caricias folo comum impulso dos dous meninos.

No seu reconhecimento, o pobre animal pôz-se á lambet os pés descalços de Georgeta.

E, notai bem, era um king-charles.

— E' o de outro dia, exclamou Georgeta, elle reconheceu-me... e o cão do pedaço de açucar, da fita de seda, da colleira de marroquim incarnado, debruada de ouro. Pobre animalzinho ! como descabio de sua opulencia, de seu esplendor ! Foi provavelmente por causa da sua pata cortada... já não fazia honra á sua senhora, a ingrata o expulsou porque elle estava aleijado, desgraçado ! Pôrém como é ainda assim mesmo bonito ! e tão pequenino, parece da nossa idade...